

## LINGUAGEM E DIALOGICIDADE EM EAD: UM OLHAR DOS PROFESSORES DO CURSO DE LETRAS DA UNIGRAN

*Maria Alice de Mello Fernandes* (UNIGRAN)

[mariaalice@unigran.br](mailto:mariaalice@unigran.br)

*Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi*(UNIGRAN)

[sgarbi@unigran.br](mailto:sgarbi@unigran.br)

*Rute de Souza Josgrilberg* (UNIGRAN)

[rutedesouza@unigran.br](mailto:rutedesouza@unigran.br)

*Terezinha Bazé de Lima* (UNIGRAN)

[bazelima@unigran.br](mailto:bazelima@unigran.br)

Ao refletir-se sobre educação e, especialmente, sobre a educação escolar, é importante entendê-la como um processo em suas articulações históricas para que se possa ter uma visão mais clara e ampla a respeito de seu papel na sociedade. Impossível pensar-se em uma pedagogia isenta de pressupostos filosóficos. Quem educa, participa de um processo de cunho social e quem está sendo educado é um “*socius*”, ou seja, um membro de um grupo social que possui valores, tradições, finalidades e conceitos a serem considerados, transmitidos e preservados. Contrapondo-se a uma perspectiva conservadora da educação, encontra-se a concepção de que cabe ao processo educativo contribuir para a formação de uma geração capaz de responder, de forma crítica e original, aos desafios colocados por um mundo em profundas transformações.

As relações entre educação e sociedade podem ser entendidas sob três perspectivas político-filosóficas: educação como redenção, educação como reprodução e educação como um meio de transformação da sociedade (LUCKESI, 2005, p. 37). São denominadas tendências filosófico-políticas porque atribuem um sentido e uma finalidade e apontam direções para a ação educativa.

As novas tecnologias têm provocado alterações consistentes em relação ao ensino e novos paradigmas são incorporados à sociedade. A demanda pela busca de conhecimento ampliou-se, mas a vida tornou-se agitada, o tempo das pessoas ficou escasso e o desafio de realizar cursos pela modalidade a distância tornou-se uma tendência. Outros motivos contribuem para que as instituições de ensino superior estejam preocupadas em atender essa demanda, tais como a distância das Instituições de

Ensino Superior que oferecem cursos presenciais, o valor das mensalidades, a impossibilidade de frequência diária às aulas etc.

Não se pode afirmar, no entanto, que entramos num mundo desconhecido, visto que, desde 1960, experiências na modalidade EaD são vivenciadas em nosso país. Projetos de amplitudes regionais e nacionais como Minerva, Logos I e II, Telecurso 2000, Salto para o Futuro e TV Escola, que sofreram elogios e críticas, contribuíram para a o avanço dessa modalidade a qual desencadeia uma série de inquietações e discussões que geram transformações e, por meio das recentes tecnologias, uma nova realidade no ensino. Tais transformações, responsáveis pela modalidade EaD, exigem que os atores do processo, aluno, professor e tutor apresentem características diferenciadas.

A imagem do professor detentor do conhecimento, que ensina somente para o aluno aprender não é a recomendada. Na modalidade de ensino a distância, a interação entre aluno e professor pauta-se na premissa de que a aprendizagem dá-se para além do conteúdo disponibilizado. O professor desempenha função importante, como mediador, para que o aluno assimile, de forma crítica, criativa e significativa os conteúdos necessários à compreensão da realidade social e das suas experiências, condição essencial à construção da cidadania. O acadêmico deve ser capaz, com auxílio do professor, de construir o seu próprio conhecimento.

Wallon (1995) assinala que o estudante, desde a educação infantil, precisa sentir que seus erros não são encarados pelo professor como uma maneira de manifestar o seu poder sobre o aluno ou como meio de punição, mas que, com equilíbrio e carinho, o professor tem condições de analisar suas dificuldades e limitações e propor os meios para sua superação, com vistas a um efetivo aprendizado. Os conflitos existentes, com certeza, deixam marcas e dificultam a existência de um processo normal, sem rupturas e mazelas. Para que tais acontecimentos não se tornem rotineiros, a percepção do professor, nesse(s) momento(s), necessita manifestar-se, uma vez que, pela sua experiência e amadurecimento, é normal que parta dele uma tomada de atitude, objetivando reverter a situação.

O relacionamento diário entre professor e aluno é um fator que influencia o processo de ensino e de aprendizagem. E permitir a esse aluno que reflita sobre a ação pedagógica, de modo a não ser uma atividade exclusiva do professor, contribui para que se formem cidadãos autônomos. As ferramentas da UNIGRAN NET favorecem esse tipo de comporta-

mento: reflexão, ação, reflexão, o que gera a capacidade de conhecer, aplicar, transformar e buscar novas informações que permitirão novos conhecimentos.

Constata-se que, ao usar uma linguagem interativa entre aluno e professor, evitar-se-á, além de outros problemas, a evasão do curso; dessa forma, o sistema de informação e de dialogicidade entre o tripé aluno, professor e tutor, na UNIGRAN NET, aluno, professor-tutor e tutor administrativo é peça fundamental, segundo o corpo docente de Letras, para o desenvolvimento exitoso do curso. Segundo Freire (2001), a comunicação faz-se em torno de um significado. Para ele, a educação efetiva-se como um ato político e de comunicação, “na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (2001, p. 69).

A escola exige, hoje, um novo perfil, resultante de uma visão interacionista, contrariando o instrumentalismo, assim como a competitividade. Nessa perspectiva, Gomez (2004, p. 14) afirma:

Uma nova pedagogia faz-se necessária, uma pedagogia da virtualidade. Não basta ser “usuário” de um computador ou saber “navegar” pela internet. Com a educação em rede, a formação centrou-se na aprendizagem, mudando assim o foco da educação tradicional. Este é o desafio de uma educação online que se torna interatividade, comunicação, mediação, acompanhamento. A intercomunicação no ciberespaço não é neutra e manifesta a diferença cultural dos internautas que se atualiza em cada intercâmbio, a multiplicidade de linguagens utilizadas, possibilitando assim a construção do conhecimento, tornando o ato educativo através do diálogo.

Tal afirmação mostra que, na EaD, mais importante que a quantidade e a diversidade de conteúdos para que o processo de ensino e de aprendizagem efetive-se, o professor precisa ser mediador e comunicador, além de criar situações que sejam significativas para o aluno, o que é um grande desafio para esse professor. Na UNIGRAN NET, o professor tem a função de professor-tutor e Maia e Mattar (2009, p. 91) recomendam: “assim como o aluno virtual precisa aprender a estudar a distância, o tutor precisa aprender a ensinar sem que esteja no mesmo lugar e no mesmo momento que o aluno.” Para tanto, a linguagem dialógica é fundamental, uma vez que o processo de ensino e de aprendizagem não se efetiva se não houver interatividade entre professor e aluno. Os autores reforçam: “o essencial, hoje, não é se encher de conhecimentos, mas sim a capacidade de pesquisar e avaliar fontes de informação, transformando-as em conhecimento”, ou seja, o mundo mostrado, retratado, exige um novo olhar e uma nova manifestação.

É, também, imprescindível que o aluno da EaD domine os recursos básicos oferecidos pela plataforma e os processos de navegação na Internet, a fim de que possa acessar os espaços do ambiente virtual de aprendizagem. O aluno tem como instrumentos para aprendizagem e esclarecimento de dúvidas os portfólios (envio de atividades), quadro de avisos, chat e fórum. Não basta, no entanto, saber acessar esses espaços. O tão falado “aprender a aprender” é, na educação a distância, a mola propulsora da aquisição de conhecimentos.

Bakhtin (2004) esclarece que o diálogo não significa somente a alternância, a mudança de vozes, mas o encontro de vozes em um lugar e num momento social e histórico, indicativo de uma educação que se concretiza por intermédio de conceitos de polifonia e de dialogicidade. Freire (2009, p. 79) recomenda:

O diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas impor-se a sua.

O autor mostra, ainda, que cinco são os elementos de dialogicidade existentes: amor, humildade, fé nos homens, esperança e pensar, isto é, não existe diálogo se o professor não tiver, com seu aluno, uma relação em que existam os dois primeiros deles; daí, entender-se que a preocupação, pelo professor, com a formação do aluno, depende de certa afetividade entre os dois atores. Acreditar nos homens e ter esperança faz o indivíduo sentir-se valorizado a ponto de, também, usar suas emoções e princípios quando necessitar da linguagem para uma efetiva comunicação. Tal processo, se bem sucedido, poderá levar o aluno a ter um pensamento crítico, característica de uma educação sociointeracionista. Segundo Bakhtin (2004, p. 132), “[...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação, assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor-se à palavra do locutor uma contra palavra”.

Em função disso, o material para o ensino a distância precisa, então, ser preparado com linguagem mais coloquial, de forma que o interlocutor assimile o que está escrito e, também, compreenda. Salgado, (2002, p. 3) explica que, apesar desse estilo, precisar ser “claro e enxuto”; as informações apresentadas, devem se relacionar com “atividades e exercícios” para que as ideias não estejam desencadeadas. O autor refere-

se, ainda, à importância do aluno acionar o conhecimento prévio para solucionar “casos” e entender os exemplos mencionados. A linguagem precisa apresentar-se coesa e coerente, gerando o que se denomina de “tessitura”, a fim de que as informações compreendidas e assimiladas sejam acrescentadas aos “esquemas mentais preexistentes”.

O material deve ter o objetivo, por meio da linguagem, de desenvolver, no aluno, a capacidade de raciocínio lógico e de compreensão, pois a participação colaborativa, também, é fundamental para o sucesso da comunicação. Piva Júnior & Freitas ( ), denominam essa linguagem de “linguagem dialógica instrumental”.

Não se pode deixar de mencionar a relevância do texto não verbal na EaD. Os recursos audiovisuais compõem uma linguagem usada como recurso pedagógico, que têm a função de oferecer informações em formatos diferenciados: imagem (fixa), som, imagem em movimento, além de outras. Assim como o texto verbal, as multimídias podem contribuir para a dialogicidade, mas é preciso cuidado para não se tornarem meramente ilustrativas, tendo o objetivo único de ilustrar a aula. O hipertexto, que, de acordo com Kenski (2004) é um “conjunto de documentos interligados” (textos, imagens, sons) através de “links que viabilizam o cruzamento de informações de forma não previamente definida” pode ser acrescentado como contribuição para o diálogo necessário, o pensar e o repensar.

Faz-se necessário entender , segundo pesquisadores da área de linguística, como Marcuschi (1998; 1991), que há diferença conceitual entre interação e conversação e não devem ser usadas como palavras sinônimas. Esclarece que a interação está relacionada ao que diz respeito à natureza das atividades efetuadas na “conversação”; já a atividade interacional é característica de “negociação, compreensão, interpretação etc.” Na EaD, a interação diz respeito às comunicações relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem, quando se estabelecem relações no espaço virtual (KENSKI, 2004).

Estabelece-se, assim, que a EaD, como uma nova modalidade na educação, traz à tona uma discussão importante sobre como a linguagem pode contribuir para o seu sucesso. Caso essa linguagem empregada pelo aluno, pelo tutor (tutor administrativo) e, principalmente, pelo professor (professor-tutor), não proporcione condições de diálogo entre os pares, poderá estar fadada ao fracasso, haja vista, que poderá resultar, simplesmente, no repasse de informações e não em um processo que resulte no

objetivo pleno da educação: levar os participantes a aprenderem a aprender, momento em que todos os atores refletem, raciocinam e mudam seus paradigmas por intermédio de uma linguagem dialógica. Somente assim, a educação escolar contribuirá para a formação de indivíduos autônomos.

Espera-se, finalmente, que este artigo possa contribuir para o amplo debate existente em relação à EaD e a linguagem dialógica, de forma a ser um fio na rede dessa interlocução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2009.

FERNANDES, M. A. de M. *O desafio da construção da escola e a prática da escola*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Formação de Professores). Faculdade de Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, A. L. S. Fundamentos, dilemas e desafios da avaliação na organização curricular por ciclos de formação. In: ESTEBAN, M. T. (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, M. Victoria. *Educação em rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: Papyrus, 2004.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1994.

MAIA, C.; MATTAR, J. *ABC da EaD: a educação a distância hoje*. São Paulo: Pearson, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *Análise da conversação: conceituação e relevância*. Recife: 1998. Texto apresentado em conferência no seminário de atualização em língua portuguesa e literatura brasileira – UNICAP.

ROBISON, C. L. et al. *Criação de uma metodologia para desenvolvimento e uso de vídeos interativos*. Projeto RHAE, 2003.

SALGADO, Maria U. C. *Materiais escritos nos processos formativos a distância* (2002). Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br>>. Acesso em: 21-03-2010.

PIVA JR. D.; FREITAS, Ricardo L. *Linguagem dialógica instrucional: a (re)construção da linguagem para cursos online*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/752009101016.pdf>>. Acesso em: 20-08-2012.

WALLON, H. *Uma concepção dialética de desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995.